

## **ROMPENDO SILÊNCIOS: O NASCIMENTO DO COLETIVO NEGRO CAROLINA MARIA DE JESUS DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL - UFPEL**

NINA CARDOZO<sup>1</sup>; TAISHA CARVALHO ALVES<sup>2</sup>; LARISSA GOUVÊA SOARES<sup>3</sup>;  
PRINCE CHAIENE MEIRELES DIAS<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– [ninaufpel@gmail.com](mailto:ninaufpel@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [taishacarvalho@hotmail.com](mailto:taishacarvalho@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [gslarislena@gmail.com](mailto:gslarislena@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas– [toprincemeireles.15@gmail.com](mailto:toprincemeireles.15@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

O acesso à instituição federal para muitos estudantes brasileiros egressos de escolas públicas, configura-se através da política de cotas raciais, implementada através da <sup>1</sup>lei nº 12. 711/2012, fruto da organização do movimento negro contra as injustiças, desigualdades sociais e raciais atribuídas historicamente à população negra (PACHECO; SILVA 2007). Apesar da lei implementada em 2012 representar um avanço significativo de alunos pretos e pardos ingressantes no ensino superior, muito ainda precisa ser feito para que haja uma igualdade racial dentro do ambiente acadêmico.

Pretos são 78,5% mais pobres em relação aos brancos no Brasil segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fazendo parte desta majoritária classe social, 3% corresponde ao número de ingressantes por cotas raciais em universidades federais estipulados pela lei nº 12.711/2012. E muitos estudantes pretos e pardos abdicam da universidade pelas dificuldades atravessadas no processo formativo (PETRUCCELLI; SABOIA, 2013).

Corroborando com as dificuldades atravessadas pelo processo formativo, a sensação de invisibilidade causada pela falta de figuras negras em assuntos abordados durante a graduação como as referências de intelectuais negros no plano de ensino, reforçam sentimentos dos quais levam o estudante frequentemente ao questionamento de pertencimento ao espaço onde está inserido (RIBEIRO, 2017).

Desta forma, evidencia-se a necessidade de espaços de discussão e valorização da cultura negra e sua episteme, para que haja além da minimização da evasão universitária, a manutenção da saúde mental e possibilidade de enfrentamento das adversidades pessoais e no âmbito institucional constantemente permeado pelo racismo (LEITE, 2021).

Ainda, historicamente, vidas negras têm sido negligenciadas principalmente pela falta de acesso à saúde e escassez de ações que promovam qualidade de vida e que estejam comprometidas em atender as particularidades desta população, fazendo-se necessário a formação de profissionais pretos para aproximar ainda mais o cuidado com a comunidade da qual a maioria dos estudantes e futuros profissionais pretos pertencem (LEITE, 2021).

O presente resumo objetiva relatar a fundação e estruturação do primeiro Coletivo Negro do Curso de Terapia Ocupacional, Carolina Maria de Jesus, da

---

<sup>1</sup> Lei consagrada em 2012 onde as instituições federais deverão reservar 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, contudo, essas oportunidades deverão ser preenchidas entre pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência.

Universidade Federal de Pelotas (UFPe), que surge após questionamentos levantados em sala de aula acerca da falta de espaços coletivos negros, priorizando as narrativas e subjetividades negras rompendo com silêncio e sentimento de inferioridade causados por uma sociedade racista e sexista.

Pautado no cuidado social, este Coletivo visa acolher estudantes ingressantes no curso de Terapia Ocupacional advindos de ações afirmativas por cotas raciais, para que os mesmos possam ter maior possibilidade de desempenho positivo minimizando prejuízos emocionais e acadêmicos; também como compromisso ético-político objetiva acompanhar possíveis fraudes relacionadas à discentes que tentam ingressar indevidamente através de cotas raciais, além de contribuir com a permanente reestruturação da grade curricular do curso de Terapia Ocupacional, abrangendo a subjetividade negra.

Ainda, pautado na observação das dificuldades permeadas pelos discentes que tem filhos entre a primeira e segunda infância: falta de rede de apoio, dificuldade de levar brinquedos para o espaço universitário, queda no rendimento e engajamento da vida acadêmica, dificuldade de permanência e conclusão de curso, cria-se junto ao Coletivo Negro, o Espaço Valentina, destinado ao empréstimo de brinquedos para uso da criança em sala de aula e permanência das crianças junto a seus responsáveis na sede do Centro Acadêmico de Terapia Ocupacional, local que abriga o Coletivo Negro Carolina Maria de Jesus.

## 2. METODOLOGIA

A primeira reunião estruturante do Coletivo Negro Carolina Maria de Jesus aconteceu através do convite da docente fundadora a uma discente engajada nas causas e movimento negro e egressa da disciplina de Estudos da Subjetividade, ofertada no semestre de 2021/1. Nesta disciplina o tema racialidade foi emergente e engajador para ampliar o olhar para a epistemologia negra, despertando na discente o interesse em compor um coletivo. Assim, o convite a discente foi realizado alguns meses após, através do Whatsapp, e o encontro de ambas se deu no dia 19 de maio de 2022 de forma virtual através da plataforma Webconf da UFPe. Já neste dia, foram alinhados os objetivos do Coletivo Negro, além de agendada e convocada a primeira reunião pública.

Após o convite, realizado através das redes sociais, *Facebook* e *Instagram*, pelo perfil do Centro Acadêmico de Terapia Ocupacional (CATO) e da professora fundadora, a segunda reunião estruturante do Coletivo Negro aconteceu no dia 30 de maio, de forma presencial no CATO e contou com a presença da docente e 5 estudantes negras, de semestres distintos dispostas a compor o coletivo.

Pautas norteadoras foram levantadas entre os presentes, permeadas pela necessidade de algo que unisse os alunos negros para que pudessem compartilhar suas experiências, medos e frustrações vividas não apenas no ambiente acadêmico, mas também em toda a fase escolar e que criaram camadas de sofrimento que hoje exercem grande influência nas vivências no ensino superior.

Outro fator debatido foi a urgência de organização e união entre alunos e professores negros da universidade para orientar ações dos colegiados e da reitoria acerca dos casos de racismo institucional que são comumente denunciados, entretanto, pouco discutidos para criação de ações antirracistas.

Para dar seguimento, foi deliberado que os encontros do Coletivo Negro Carolina Maria de Jesus seriam realizados quinzenalmente de forma híbrida, além

da realização periódica mensal de rodas de conversas, palestras, grupos de estudos e encontros para apoio e suporte mútuo aos participantes. Entende-se que o ambiente tóxico causado pelo racismo sem medidas protetivas que venham contribuir com o bem estar de discentes e docentes, favorece e potencializa o adoecimento psíquico aumentando a ocorrência de evasão reforçando a ideia de “não lugar” evidenciando a fragilidade da assistência estudantil a ser reforçada com espaços coletivos em cada curso.

Com base no dever ético-político, o Coletivo Carolina Maria de Jesus nasce como compromisso oferecer um espaço que proporcione a discussão e reflexão sobre as pautas negras focando na garantia de direitos aliados à intersecção entre raça, classe, gênero, sexualidade e formação acadêmica; contando com a colaboração de ativistas, profissionais de diversas áreas e pessoas devidamente qualificadas para o diálogo e criação de estratégias de valorização que visem amenizar as adversidades que pessoas negras enfrentam cotidianamente.

Ainda, Carolina Maria de Jesus foi escolhida como homenageada nominal a este coletivo, visto de sua luta para que subjetividades negras emergissem através da suas palavras escritas em obras como Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria, além de sua brava escrivência quanto mulher negra, mãe solo e trabalhadora em uma periferia brasileira.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como estabelecido no cronograma, dia 27 de Junho a primeira roda de conversa contou com a participação de uma professora e historiadora convidada que elucidou acerca da importância da representatividade e acolhida para o ativismo de estudantes advindos de cotas raciais. Esta roda de conversa contou com a presença de 13 discentes em maioria pretos.

A segunda roda de conversa fez parte das ações da Calourada da Terapia Ocupacional e contou com 5 palestrantes. Foram convidados: um advogado, uma antropóloga, um servidor público e duas discentes e membras do Coletivo Luís Gama da Faculdade de Direito da UFPEL. Neste espaço foram dadas as boas vindas aos discentes pretos, pardos e não-pretos, além de promover um debate antirracista alicerçando a episteme negra desde o ingresso do curso..

Neste mesmo dia, foi inaugurado o Espaço Valentina, contando com a presença da homenageada nominal, das quais acompanhou seu pai, egresso do curso de Terapia Ocupacional, no cotidiano acadêmico pelos quatro anos correntes de formação no curso.

Desde então a adesão de novos membros está acontecendo de maneira espontânea. A articulação e estruturação das ações acontecem através do *whatsapp*, aplicativo de mensagem instantânea, possibilitando a circulação da informação tanto de cursos e atividades a serem desenvolvidas quanto na formação de vínculo entre os participantes.

Estrutura-se também a criação de um projeto de extensão, que contemple as demandas dos estudantes e população negra de Pelotas, buscando a descentralização do conhecimento que no campo da saúde, entende-se como modo favorecedor de fazer ciência voltado para o quem mais precisa abrangendo subjetividade da negritude nas variáveis de pesquisa (PACHECO; SILVA, 2007; BERTH, 2019).

Outro fator a ser observado durante o percurso deste Coletivo Negro e da trajetória acadêmica é como a figura do professor que está comprometido com o

empoderamento, aprendizado e autonomia dos alunos contribui para o bem estar e sensação de pertencimento possibilitando que o desenvolvimento do raciocínio crítico aconteça progressivamente assim repercutindo no futuro profissional (HOOKS, 2013).

#### 4. CONCLUSÕES

Em síntese, a criação do primeiro Coletivo negro do curso de Terapia Ocupacional e as ações que estão sendo propostas, assumem o caráter protetivo para o estudante advindo de ações afirmativas por cotas raciais, pois criam junto a seus pares um espaço de discussões acerca de si e do mundo, criando estratégias e projetos para ampliação do cuidado ao estudante e comunidade preta Pelotense, pautados no antirracismo e decolonialidade.

3% é o número de ingressantes por cotas raciais em referência a ampla concorrência de estudantes ingressantes no semestre de 2022/1, portanto, o Coletivo Negro Carolina Maria de Jesus objetiva seguir lutando para que não se tire o direito do povo preto de se qualificar, embora ainda em minoria perante a ampla concorrência. Mesmo com inúmeras dificuldades durante a trajetória acadêmica compreende-se a universidade como um espaço positivo para trocas, participação social, valorização da identidade negra e mobilidade econômica.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

CAIXETA, B. **Movimento negro universitário: Um olhar decolonial sobre afetos, trajetórias e a organização política dos grupos/coletivos negros na Universidade de Brasília**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília.

HOOKS, B. Pedagogia engajada. In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo. Editora: WMF Martins Fontes Ltda, 2013. Cap. 1, pg 25- 36.

JESUS, C. **Quarto de despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, C. **Casa de alvenaria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LEITE JUNIOR, J. D., FARIAS, M.N., MARTINS, S. Dona Ivone Lara e a terapia ocupacional: devir-negro da história da profissão. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. São Paulo. 29, e2171, p.7-8, 2021.

PACHECO, J., SILVA, M. **O negro e a universidade**. Brasília: Editora Ética do Brasil, 2007.

PETRUCELLI, J.; SABOIA, A. **Características étnico raciais da população: classificações de identidades**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. Rio de Janeiro, 2013.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.